

O DIA EM QUE  
MORRI  
PELA PRIMEIRA  
VEZ



O DIA EM QUE  
MORRI  
PELA PRIMEIRA  
VEZ

E D E L V Â N I O P I N H E I R O

1ª edição 2016



Copyright © 2016 Edelvânio Silva Pinheiro Gonçalves

Capa e diagramação: Marina Avila

Revisão: A. Zarfeg

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

G635 GONÇALVES, Edelvânio Silva Pinheiro, 1971–

**O dia em que morri pela primeira vez** / Edelvânio Silva Pinheiro

Gonçalves. São Paulo: PerSe, 2016

95p.

ISBN 978-85-464-0170-3

---

Catálogo na publicação

1. Jornalismo brasileiro. I. Título

**PS AUTOPUBLICAÇÃO  
E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS LTDA**

Rua Turiassu, 390 – Conj. 86 - Perdizes - São Paulo

CEP: 05005-000 – CNPJ: 11.053.820/0001-68

Contato: perse@perse.com.br

# *Dedico este livro*

*a **Ronie Von Neres,***

*por ter me norteado espiritualmente  
e cuja fé é inabalável;*

*a **Kerry Anne,***

*pela coragem e profissionalismo  
e cujo caráter é irrefutável;*

*a **Waguinho,***

*por ter me acolhido verdadeiramente  
e cuja sensibilidade é indescritível;*

*a **Amy Brian,***

*pela serenidade e equilíbrio  
e cujo amor é incorruptível;*

*a **Edelvácio Pinheiro,***

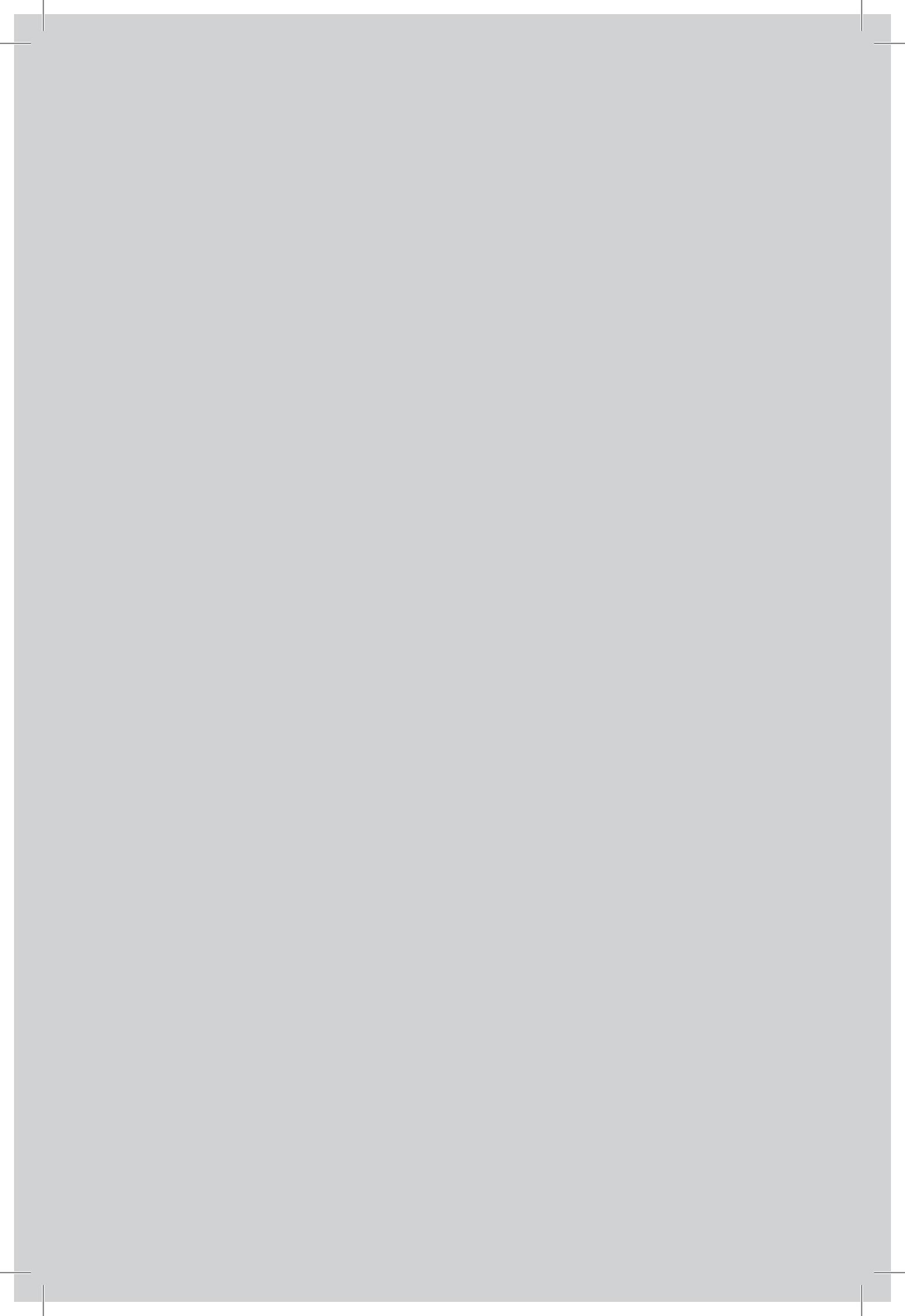
*por ter lutado intensamente  
e cuja fraternidade é fidelíssima;*

*a **Athylla Borborema,***

*pela preocupação e assistência  
e cuja bondade é amabilíssima;*

*a **Rodomarck Correia,***

*por ter me estendido a mão  
e cujo altruísmo é o mais belo.*



“UMA NOVA HISTÓRIA  
DEUS TEM PRA MIM.”

Fernandinho

# SUMÁRIO

Agradecimento - 5

Prefácio – 11

Desfragmentado na viagem – 13

A resposta de Deus (não) havia chegado – 15

A notícia da prisão – 17

Como Paulo e Silas – 21

A combatente que faltava – 25

A incansável família – 27

Exemplos de humildade e coragem – 29

O silêncio é a oração dos sábios – 33

Amigos e família se agigantam – 37

Os fracos julgam – 41

Um casal de anjos – 45

Nem as dores nem a impaciência – 47

Pai e anjo dentro de uma mãe – 51  
O enviado de Deus – 53  
A sacola de doces – 57  
Anjos podem ser grades de ferro – 61  
Nossas boas ações ajudam – 65  
Com Gil Vicente em um sonho – 67  
Abrindo cadeados – 73  
O vendedor de bracinha e os personagens de Deus – 77  
O coral que acalmou minha tempestade – 81  
A resposta de Deus havia chegado – 83

## **ANEXOS**

A luta para salvar Vitória – 85  
Guerreando para viver – 89  
Maria Pinheiro não morreu, ela voltou pra casa – 93

Agradeço a Deus pela oportunidade de melhor conhecê-Lo e testemunhar a Sua presença, à doutora Kerry Anne e seu esposo Waguinho, pelo carinho e preocupação impagáveis, aos poucos e bons amigos como Athylla Borborema, Rodomarck Correia e Ademir Barbosa, por exemplo, aos raros e conscientes colegas de farda e da imprensa, a todos aqueles que na igreja, nos montes ou em suas casas celebraram cultos e fizeram orações pedindo a Deus que me protegesse e à minha família, pelo amor incomparável a nenhum outro no mundo. Recebam neste cálice todo o meu carinho, amor e gratidão.

## PREFÁCIO

**N**em preciso dizer que estou muito honrada com o convite para prefaciar “O dia em que morri pela primeira vez”, de autoria de Edelvânio Pinheiro, meu pai. Com certeza, é um presente de pai para filha.

E não poderia ser diferente. Afinal de contas, eu fui a interlocutora dos áudios produzidos com uma das menores ensaiadas a mentir para incriminar, por crime de estupro, o meu pai. E preciso dizer que a primeira vez que a menor se sentiu incomodada e procurou uma vizinha para desabafar, numa demonstração clara de desencargo de consciência, foi uma providência divina. Não tenho dúvida quanto a isso. Mas o leitor vai entender no decorrer desta obra que foi produzida quando o autor, aos 44 anos, viveu na prisão a maior de suas angústias.

Eu estava certa de que a busca por provas em defesa do meu pai era legítima, assim como foi legítima a gravação de Bernardo Cerveró, filho de Nestor Cerveró, que culminou com a prisão de um senador da República – Delcídio do Amaral (PT) – em mais um episódio da Operação Lava-Jato.

Nesta obra, são abordadas algumas verdades sobre sociedade, amizade, maldade e fé. Acompanhei desde o início a produção dos manuscritos e, pelo menos dois deles, naquele momento inicial, me chamaram a atenção. Um diz que “enquanto os fracos

julgam, os fortes nos estendem a mão”; o outro assegura que “nos momentos de angústia somente a família e os verdadeiros amigos se agigantam”. Essas verdades são absolutas.

Mas o livro – que é composto por 21 capítulos narrados na primeira pessoa – constitui um desabafo através do instrumento mais digno para tal empreitada, ou seja, a literatura. Sem detrimento, é claro, do auxílio de um bom advogado criminalista. No presente caso, a tarefa cabe a Kerry Anne Esteves Farias.

Escrevendo (e, portanto, expondo cada detalhe da agonia vivida no cárcere, bem como rememorando outros acontecimentos importantes de sua vida), o autor estabelece um diálogo sincero e convincente com seus leitores e, especialmente, com sua consciência.

Em suma, “O dia em que morri pela primeira vez” é um desabafo de alguém que foi preso, enfrentou noites atormentadas e teve sua imagem terrivelmente desgastada pela mídia, sobretudo pelo segmento, digamos, mais sensacionalista.

Ao mesmo tempo, esta obra é um livro-reportagem que surge para enriquecer o jornalismo literário, na medida em que seu autor, Edelvânio Pinheiro, é um dos seus protagonistas mais importantes. E de quem, aliás, tenho o privilégio de ser filha.

Meu desejo é que cada leitor faça a melhor leitura desta obra e, ao fim dela, tire as próprias conclusões.

**Amy Brian Costa e Silva**

# DESFRAGMENTADO NA VIAGEM

*“Todas as linhas que escrevi na solidão do cárcere foram abençoadas e haverão de ser imortalizadas como prova viva do amor de Deus.”*

Senti-me desfragmentar no ar como um avião atingido em pleno voo. O meu castelo de sonhos e projetos gigantescos virou cinza ao chocar em uma terra de água fria e de gente invejosa e inimiga.

No meu percurso havia pessoas maravilhosas que, através de mim, chegariam a um destino de paz e muita luz. Eu era o responsável por proporcionar a todas elas a primeira classe na viagem e a possibilidade de terem uma vida realizada. No entanto, gente com lanças venenosas me partiu ao meio, quebrou as minhas asas e, numa atitude de monstros famintos, invadiu a cabine do meu *boeing* de sonhos.

Na imensidão das oportunidades eu me tornei um alvo de mesquinhos e traiçoeiros. Senti, através de um telefonema de um advogado e, depois, pessoalmente, que a maldade humana não tem tamanho, mas descobri que, quando palavras são mentirosas, vêm cheias de falhas como lanças que o ar cuida de retirar o veneno

pelo caminho. Fui ferido e quase morto. Tive o rosto desfigurado como um quadro valioso que, propositalmente, foi borrado com o resto de tinta encontrado em um ateliê em desuso. Me quebraram em várias partes. Me atiraram como atiram restos aos cães. Fui chicoteado com palavras, julgado pela fétida opinião pública e tive as noites atormentadas.

Apesar de desfragmentado na viagem e rotulado pelos falsos moralistas, não conseguiram tocar meu coração. O terreno de Deus em mim permaneceu incorruptível e, mesmo tendo sido perseguido no nível mais cruel e desumano, o Criador, em todos os momentos, foi o meu protetor fiel. Ele enviou anjos, guardou a minha vida e falou com imenso amor à minha alma.

Todas as linhas que escrevi na solidão do cárcere foram abençoadas e haverão de ser imortalizadas como prova viva do amor de Deus a alguém que teve de passar pelo deserto para se reencontrar. Em nenhum momento, Ele deixou de ser providencial e senti o Seu cuidado permanente em cada segundo da maior de todas as agonias pelas quais passei.

Seja bem-vindo, leitor amigo, viaje nessa aventura de prosa, versos e crônicas, e saiba como foi “O dia em que morri pela primeira vez”.

**Edelvânio Pinheiro**